

COLÔNIA, ALGUNS ANIMAIS NÃO ENTERRAM SEUS MORTOS: TEATRO COMUNITÁRIO, MEMÓRIA E CRÍTICA À VIOLÊNCIA MANICOMIAL

*Colony, some animals do not bury their dead: community theatre, memory and
critique of asylum violence*

Gilsenei Tavares Pereira¹
Paula Maba Goçaves²
Eduardo Gondim-Rios³
Renata Swoboda⁴

Introdução

O espetáculo teatral **Colônia, Alguns Animais Não Enterram os Seus Mortos**, desenvolvido pela Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui, emerge como uma experiência artística e política que articula teatro comunitário, memória histórica e crítica às formas contemporâneas de institucionalização da loucura. A obra parte do episódio histórico do Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, conhecido como um dos maiores episódios de violência institucional da história brasileira, responsável pela morte de mais de 60 mil pessoas ao longo do século XX.

A partir desse marco histórico, o processo de criação da peça estabelece um diálogo com acontecimentos contemporâneos, em especial com políticas e práticas que recolocam em circulação dispositivos de exclusão social baseados na medicalização e na internação compulsória de populações vulnerabilizadas. Nesse sentido, o espetáculo articula memória e presente, buscando refletir sobre as permanências históricas da violência institucional e sobre os modos como a sociedade contemporânea continua produzindo sujeitos considerados descartáveis.

¹ Doutorando em Saúde Coletiva (UFSC). Especialista em Saúde da Família e Comunidade (ESPSC). Mestre em Saúde Coletiva (UFSC). Bacharel em Psicologia (UFSC). Membro do Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui. Contato: psi.giltavares@gmail.com

² Mestranda em Teatro (UDESC) Graduada em Licenciatura e Bacharelado (UDESC), pesquisadora, professora e atriz atua nas áreas de teatro e teoria crítica. Idealizadora e membro do Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui. Contato: paulamaba80@gmail.com.

³ Doutor em Administração pela ESPM, pesquisador nas áreas de negócios internacionais e ecossistemas de inovação. Membro do Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui. Contato: eduardo.gondim@gmail.com.

⁴ Licenciada em Música (UDESC). Professora de violão e musicalização. Artista independente. Membro do Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui. Contato: mpbmarginal@gmail.com.

Este texto apresenta o processo de criação e desenvolvimento do espetáculo, destacando suas bases conceituais, estéticas e políticas, bem como sua inserção no campo do teatro comunitário e das práticas artísticas comprometidas com o debate público sobre saúde mental e direitos humanos.

Teatro comunitário e produção coletiva de sentido

O espetáculo nasce no contexto da **Trópica Grupo – Teatro Comunitário do Sambaqui**, coletivo artístico formado a partir de oficinas abertas de teatro realizadas na comunidade do bairro Sambaqui, em Florianópolis-SC. O grupo se estrutura a partir da perspectiva do teatro comunitário, reunindo participantes com diferentes formações profissionais e trajetórias de vida, que se encontram no território para desenvolver práticas artísticas coletivas.

Essa composição heterogênea é um dos elementos centrais da proposta estética e política do grupo. O elenco do espetáculo reúne profissionais de diferentes áreas — entre elas psicologia, direito, educação e administração — além de jovens e crianças participantes das atividades comunitárias do grupo . Tal diversidade reforça o caráter democrático do processo criativo e aproxima o teatro de experiências cotidianas vividas pelos próprios participantes

Nesse contexto, o teatro não se configura apenas como produção artística, mas também como espaço de formação coletiva, reflexão crítica e elaboração simbólica de questões sociais que atravessam a vida contemporânea.

Memória manicomial e crítica social

A construção dramática do espetáculo dialoga diretamente com o episódio histórico conhecido como Holocausto Brasileiro, expressão utilizada pela jornalista Daniela Arbex para descrever as condições de violência, abandono e morte que marcaram o funcionamento do Hospital Colônia de Barbacena ao longo de décadas (Arbex, 2019) .

Ao recuperar essa memória histórica, a peça busca evidenciar como instituições psiquiátricas foram historicamente utilizadas como dispositivos de exclusão social. No hospital de Barbacena, não eram internadas apenas pessoas com sofrimento psíquico, mas também sujeitos considerados indesejáveis pela

sociedade, incluindo pessoas pobres, mulheres consideradas desviantes, pessoas negras, dissidentes sexuais e indivíduos em situação de vulnerabilidade social .

Esse passado é mobilizado no espetáculo como ferramenta crítica para pensar o presente. A peça estabelece relações com políticas contemporâneas que autorizam práticas de internação compulsória de populações vulnerabilizadas, evidenciando como a lógica manicomial pode se reorganizar sob novas formas institucionais.

Dramaturgia, ideologia e construção cênica

Do ponto de vista estético, o espetáculo se estrutura a partir de uma dramaturgia fragmentada, construída por meio de procedimentos de colagem e montagem cênica. A narrativa é composta por diferentes cenas, monólogos, projeções audiovisuais e sequências coletivas que se articulam em três atos, explorando múltiplas linguagens artísticas e recursos de sonorização, iluminação e projeção de imagens.

Essa estrutura dialoga com perspectivas contemporâneas do teatro pós-dramático, nas quais a linearidade narrativa deixa de ser o elemento central da construção cênica. Em vez disso, a peça aposta na justaposição de fragmentos, imagens e discursos que convidam o público a estabelecer relações críticas entre diferentes momentos históricos e políticos.

Entre os referenciais teóricos mobilizados no processo criativo estão as reflexões de Slavoj Žižek sobre ideologia e sobre o conceito de “duas mortes”, que se refere à distinção entre morte simbólica e morte física. Segundo o autor, antes da eliminação biológica de um indivíduo ocorre frequentemente sua eliminação simbólica — processo pelo qual sujeitos são destituídos de sua identidade e de sua participação social (Žižek, 1991) .

Essa perspectiva contribui para compreender os mecanismos sociais que produzem a exclusão de determinados grupos e que historicamente sustentaram instituições manicomiais.

Arte, política e resistência

Ao mobilizar esses referenciais históricos e teóricos, **Colônia, Alguns Animais Não Enterram os Seus Mortos** busca produzir uma experiência estética

que convida o público a refletir sobre as relações entre loucura, poder e organização social.

A peça também dialoga com reflexões sobre a chamada banalidade do mal, conceito desenvolvido por Hannah Arendt para descrever situações em que práticas violentas se tornam naturalizadas dentro de sistemas institucionais (Arendt, 2005). No caso das instituições psiquiátricas, essa banalização pode se manifestar na normalização de práticas de exclusão e violência justificadas em nome do cuidado ou da ordem social.

Ao trazer essas questões para o espaço cênico, o espetáculo afirma o teatro como território de resistência simbólica, capaz de produzir deslocamentos na forma como a sociedade compreende a loucura, o sofrimento psíquico e as políticas de cuidado.

Considerações finais

A experiência de criação do espetáculo *Colônia, Alguns Animais Não Enterram os Seus Mortos* evidencia a potência do teatro comunitário como ferramenta de reflexão crítica e intervenção cultural. Ao articular memória histórica, análise política e experimentação estética, a peça contribui para ampliar o debate público sobre saúde mental, direitos humanos e justiça social.

Mais do que reconstituir um episódio trágico do passado, o espetáculo propõe uma reflexão sobre as formas contemporâneas de exclusão que continuam atravessando a sociedade brasileira. Nesse sentido, a cena teatral torna-se espaço de elaboração coletiva da memória e de questionamento das estruturas sociais que sustentam a violência institucional.

Ao mobilizar artistas comunitários, referências teóricas e experiências territoriais, a obra reafirma o papel da arte como campo de produção de pensamento crítico e de construção de novas possibilidades de convivência social.

Referências

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Intrínseca, 2019.

ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ŽIŽEK, Slavoj. **O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GISLON, Giorgio; RODRIGUEZ, Mercedes; MABA, Paula. **Debaixo do céu acidentado, ou alguns animais não enterram seus mortos**. In: UDESC. *Ficções insurgentes: artes vivas em estado de emergência*. Florianópolis: UDESC, 2020.